HOMENAGEM AO DR. ÓSCAR FERREIRA GOMES

O Dr. Óscar Ferreira Gomes foi - afirmo-o com a certeza das coisas certas - um homem extraordinário.

Advogado da boa velha guarda, de verbo preciso, raciocínio arguto envolto na persuasão suave e serena dos que nada impõem e, por isso, mais convencem.

Advogado – leia-se, homem livre – foi um humanista; de exemplar integridade profissional aliou sempre uma ética de convicção a uma ética de responsabilidade, fazendo desse compromisso uma ferramenta do trabalho diário.

Homem de família, os filhos eram a sua alegria. Quem com ele privava, sabia desse amor incondicional. Em particular, ao Pedro e à Irene, meus amigos desde os tempos da juventude – os tempos das manhãs triunfantes, como escrevia Vítor Hugo – ficam palavras sentidas, carinhosas de solidariedade na dor.

E como não contar da sua esposa, querida Dra. Irene, mulher por ele amada, em décadas muitas, 61 anos, que voaram velozes na ternura doce, luminosa que dos dois fazia um só.

Nas páginas oficiais, reza a história que o Dr. Óscar Ferreira Gomes foi Presidente do Conselho Superior da Ordem dos Advogados; foi também, entre muitos outros cargos na academia ou na sociedade civil, Presidente da Associação Jurídica de Braga a quem dedicou muito da sua vida e a cujos destinos presidiu durante vinte anos, de 2002 a 2022.

“A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.”

O poema de Pessoa fala-nos da perda, sempre precoce.

Demasiado cedo.

A tristeza existe, perdura.

“Que tu morreste, Heráclito, me dizem.
Amargas novas de que choro amargo.
Chorava, e relembrava quantas vezes,
falando nós, o Sol se pôs exausto.
E agora que tu és, meu velho amigo,
de cinzas um punhado há muito frias,
ainda a tua voz, não dorme:
omnipotente a Morte, contra a voz não pode.”

Com a poesia de Jorge de Sena – e foram tantos os poemas que o Dr. Óscar leu na nossa associação -, relembro a sua voz, sábia, segura, fraterna.

E então, enquanto escrevo estas linhas, aproxima-se.

Vem lá, já me bate suavemente no ombro.

Com um olhar tranquilo, fala-me.

Cita Machado de Assis, na frase que nos deixou dias atrás, dedicada aos amigos:

“Há pessoas que choram por saber que as rosas têm espinhos.

Há outras que sorriem por saber que os espinhos têm rosas!”

Ensina-me, com vagar:

Amigo Igreja, esqueça a biografia, deixe para trás a tristeza; fale da alegria, faça-nos sorrir.

Retomo a escrita.

De repente, recordo uma anedota a propósito dos que vão partindo.

Duas mulheres, idosas, alentejanas, conversam, ao calor.

“Ó Comadre, que alegria vê-la!

No outro dia ouvi dizer tão bem de si que pensei que já tinha morrido.”

Rimo-nos com gosto; outra vez juntos.

Em boa verdade se diga: com ele, não foi assim.

Participei de várias homenagens nos anos recentes; na universidade, na cidade, na profissão.

Os que vinham saudá-lo, exibiam a alegria do reencontro, o prazer genuíno dos que gostam.

Pai Óscar, Pai Óscar, chamavam os seus pares na Ordem de Advogados. Líder natural, todos o admiravam; como não!

Estou seguro que hoje, agora, aqui, observa-nos, divertido, ao lado do companheiro fiel de escritório, João Lobo, do amigo João Neiva, do nosso Luís Felgueiras.

Um abraço apertado cá de baixo, companheiros!

Teve uma vida longa, feliz.

Cumpriu-se na profecia de Epicuro: não podemos ser felizes se não formos justos, se não formos bons; e não podemos ser justos e bons se não formos felizes.

Sim, Óscar Ferreira Gomes foi um homem extraordinário.

Mas, mais do que isso, bem mais do que isso, como explicava ao meu filho Nuno quando lhe contava da sua partida, o Dr. Óscar, na sua forma simples de ser, foi um homem justo. Foi um homem bom.

E não há melhor epitáfio de vida do que este.

Juiz que sou, jurista como ele, partilho parte de um poema, da galeria dos meus favoritos, cúmplice próximo nesta caminhada de peregrino dos que procuram servir a causa da Justiça.

Com ele termino, evocando, nas palavras exatas, geométricas do Poeta, a memória cristalina de

Óscar Ferreira Gomes.

De Jorge Luís Borges, “Os justos”:

Um homem que cultiva o seu jardim, como queria Voltaire.
O que agradece que na terra haja música.
O que acaricia um animal adormecido.
O que justifica ou quer justificar um mal que lhe fizeram.
O que prefere que os outros tenham razão.
Essas pessoas, que se ignoram, estão a salvar o mundo.